

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JULHO/2007 - ANO XI - Nº 126

Foto Arquivo Pró-Memória

EDITORIAL

Já há alguns anos, nos períodos de seca, “O ESTAFETA” vem alertando para os riscos de queimadas que se instalam no Vale do Paraíba e cresce por toda a região.

É triste assistirmos em todo final de tarde e início da noite ao deprimente espetáculo do fogo consumir extensas áreas de campo e os poucos remanescentes de mata dos municípios. Apesar da previsibilidade do fenômeno da seca, não observamos políticas municipais de preservação e de combate ao fogo. Dessa maneira, o descaso com o meio ambiente deixa suas marcas na paisagem, emprestando-lhe um aspecto de abandono.

Dominada pela Serra da Mantiqueira, a paisagem de Piquete enche os olhos dos moradores de beleza. Extensas áreas do município localizam-se em área de preservação. Além de importantes remanescentes florestais e da fauna, a serra e grande parte do município são prioritários para conservação devido aos seus recursos hídricos e à fragilidade do solo. A Mantiqueira é também local de origem de inúmeros rios tributários da margem esquerda do Paraíba do Sul.

As belezas cênicas emprestadas pela serra e seu potencial turístico vêm atraindo inúmeros visitantes. No entanto, devido à ausência de planos de zoneamento econômico-ecológico e à falta de estrutura para uma gestão sustentável da área de preservação da Mantiqueira, esse processo acaba por gerar sérios impactos ambientais e sociais, como a perda da cobertura vegetal e a poluição hídrica, que afetam a biodiversidade e a qualidade de vida da população. Apesar da legislação ambiental existente, é precária a fiscalização. Daí o desrespeito para com a natureza. Não se pode pensar em turismo para Piquete se não houver uma política voltada para a preservação ambiental, recuperação das encostas serranas e seus recursos hídricos. Ninguém visita uma cidade pra admirar paisagens calcinadas. O desrespeito à legislação ambiental tem origem principalmente na omissão do poder público em não cumprir suas funções aliada à pouca conscientização da população acerca dos graves problemas ambientais e suas consequências.



A adesão de Piquete ao projeto “Município Verde”, do governo do Estado, é uma oportunidade para se criar políticas de meio ambiente, a fim de se atingir o turismo como alternativa de desenvolvimento.

Município Verde

O Secretário do Estado de Meio Ambiente, Xico Graziano, em um jornal da região apresenta o projeto “Município Verde” lançado pelo governo paulista, no último dia 3 de julho. Esse projeto inovador tem como objetivo descentralizar a política de meio ambiente, ganhando eficiência na gestão ambiental e valorizando a base da sociedade. Xico Graziano aponta que, sem a participação do poder local, não se vence o enorme desafio do aquecimento global.

A gestão ambiental compartilhada cria responsabilidade mútua, exigindo o desenvolvimento de competência gerencial nos municípios. Ao Estado cabe prestar colaboração técnica e treinamento às equipes locais. Nesse processo é fundamental a participação da Câmara de Vereadores e das entidades civis, ambientalistas ou de representação da cidadania.

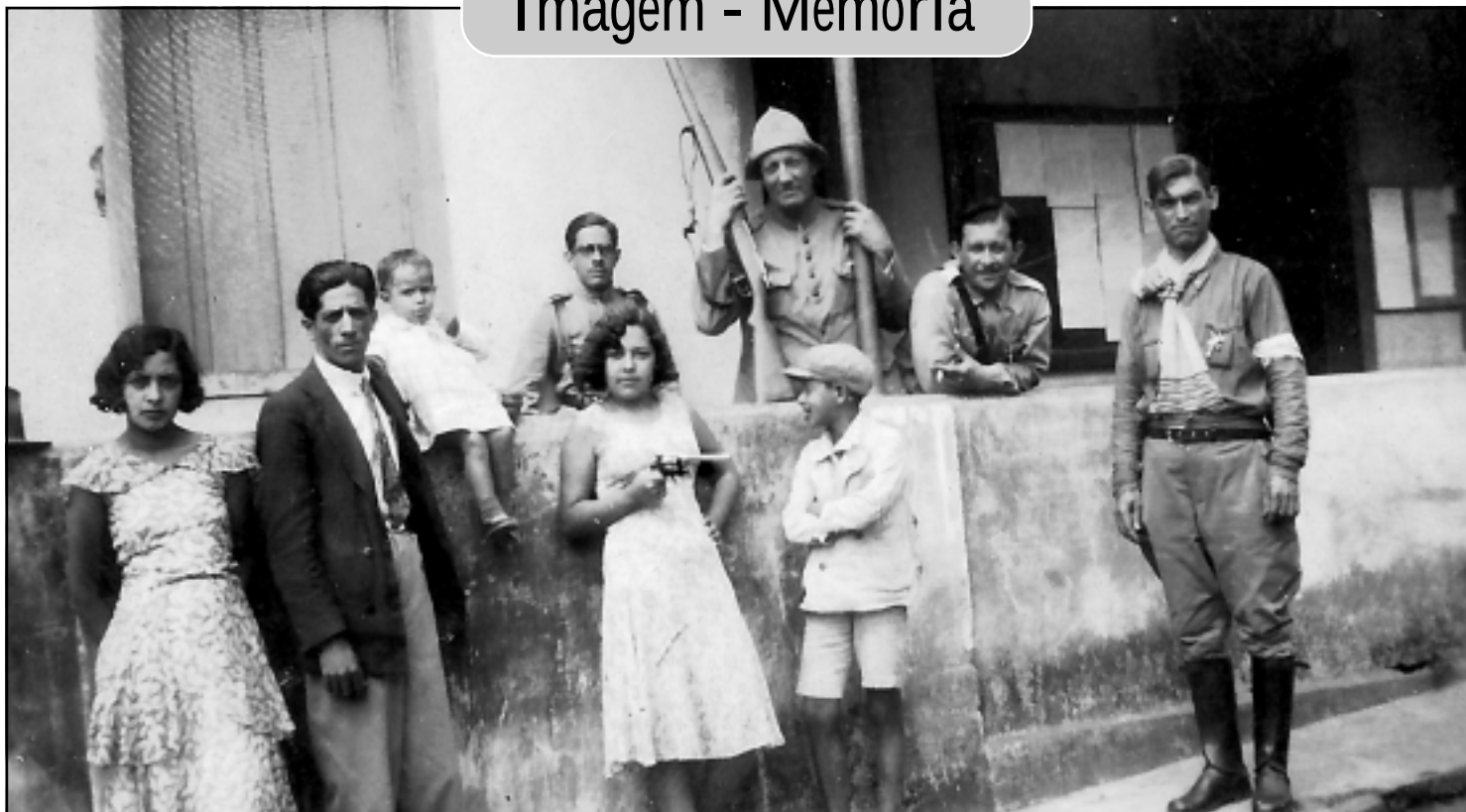
A adesão dos municípios ao Protocolo Verde é voluntária. Seu endosso resulta no comprometimento com uma agenda de dez diretivas ambientais. Entre elas, tratar o esgoto, elaborar programas municipais contra o desperdício de água, recuperar matas protetoras dos córregos e nascentes, arborizar área urbana aprimorando as áreas verdes municipais, implementar um programa de educação ambiental na rede de ensino municipal, promovendo a conscientização da população a respeito dos problemas ecológicos e outros. Xico

Graziano aponta, também, a necessidade da criação de Conselhos de Meio Ambiente nos municípios e a constituição de um órgão de participação da sociedade que envolva a comunidade local na agenda ambiental. A Secretária Estadual de Meio Ambiente propõe-se a acompanhar e a auxiliar os municípios no cumprimento dessa agenda. Até março de 2008, fará uma avaliação desse comportamento ambiental e dará uma nota aos municípios. Os municípios “Nota 10” receberão o “Prêmio Franco Montoro de Ecologia”. Trata-se de justa homenagem ao ex-governador de São Paulo, grande defensor da descentralização administrativa. Montoro ensinava que “o cidadão mora no município, não no Estado, nem na União. Foi ele que criou, em 1983, o Conselho Estadual de Meio Ambiente, embrião da atual Secretaria de Estado.

No lançamento do projeto, o governador José Serra salientou que os “Municípios Verdes” terão prioridade no acesso às políticas do governo. Citou o exemplo das estradas vicinais. Não se trata de penalizar ninguém. Pelo contrário. É uma forma de estimular quem faz a boa tarefa de casa. Lição ambiental.

É tudo de que a natureza precisa. Governos, municípios e cidadãos, todos juntos defendendo ações ambientais concretas, efetivas. Pouca conversa, mais resultados. O Planeta Terra agradece, conclui Xico Graziano.

Imagem - Memória



“Toda a cidade era simpática à causa revolucionária; passaram a ovacionar os soldados defensores da Lei. Houve uma verdadeira febre de patriotismo”. Na foto, a partir da esquerda, Nina Cunha, Juca Luz, Yolanda Luz (bebê), Doca Palma e seu irmão, Guita Cunha, em residência localizada ao lado da antiga cadeia, então ocupada por soldados da Força Pública durante a Revolução de 1932.

Moradores de Piquete aderem à Revolução Constitucionalista de 1932

Uma das mais importantes páginas da história do Brasil foi a Revolução Constitucionalista, que irrompeu em São Paulo a 9 de julho de 1932. Foram três meses de combates que colocaram frente a frente, nos campos de batalha, forças rebeldes e legalistas. Esse conflito armado estendeu-se por todo o estado de São Paulo. O Vale do Paraíba, por sua localização estratégica e geopolítica, foi palco de sangrentas batalhas.

A notícia da eclosão desse conflito chegou a Piquete por volta das 10h da manhã do dia seguinte. O primeiro a recebê-la foi o cel. Pompeu Cavalcânti, diretor da Fábrica de Pólvora Sem Fumaça. Nesse mesmo dia, guarnições de Lorena e Caçapava também se levantaram aderindo ao movimento, enquanto tropas revolucionárias ocupavam posições estratégicas em diferentes regiões do Vale. No dia 11, um trem conduzindo soldados chegou à Estação Rodrigues Alves, em Piquete. O diretor da Fábrica, bem como sua oficialidade decidiram por se manter fiéis ao governo federal, e um acordo foi selado com o comandante constitucionalista, coronel Andrade, que se encontrava sediado em Lorena, para que a Fábrica não recebesse tropas e que estas ficariam acantonadas em Piquete. Essas tropas vieram para o município não só devido à presença dessa indústria bélica, mas também para guarnecer a estrada de acesso a Minas, impedindo qualquer movimento ofensivo de tropas federais sobre o túnel, em Cruzeiro, além de Lorena e Cachoeira Paulista. O coronel Pompeu e sua oficialidade comprometeram-se a não dar informações sobre o movimento das forças revolucionárias às autoridades do governo Vargas. Telegrafou para o Serviço de Material Bélico, no Rio de Janeiro nos seguintes termos: “Fábrica não ocupada mas

isolada.” A produção fabril foi paralisada, mantendo em funcionamento apenas os serviços de conservação e limpeza. Os operários, bem como a população da cidade aderiram à Revolução. Aos poucos, os moradores que haviam se afastado da cidade retornaram, passando a receber os soldados constitucionalistas. Toda a cidade era simpática à causa revolucionária: passaram a ovacionar os soldados defensores da Lei, colocando à disposição das tropas tudo o que possuíam. Houve uma verdadeira febre de patriotismo: recebiam as tropas no desembarque na Estação com carinho e grandes manifestações de vivas a São Paulo e ao Brasil. Algumas edificações foram requisitadas para a causa paulista. A população harmonizou-se com os soldados, fazendo com que as tensões dos conflitos fossem amenizadas. Assim, muitos moradores serviram de guia nos tortuosos caminhos da Mantiqueira, outros pegaram em armas, muitas mulheres passaram a cozinhar e costurar para as tropas e músicos da Euterpe tocavam no “Café do Soldado”.

No dia 15 de julho ocorreu, para a surpresa de todos, forte tiroteio entre as tropas paulistas e a infantaria adversária. A partir desse entrevero, a população, sobressaltada, foi-se acostumando com o matraquear das metralhadoras na serra e os estrondos da artilharia pesada. Em diferentes pontos do município trincheiras foram abertas e canhões paulistas, estrategicamente posicionados, atiravam em direção da Mantiqueira.

Em 11 de agosto assumiu a direção da Fábrica o Ten. Cel. Felisberto Antonio Fernandes Leal, em nome do General Bertold Klinger, comandante das tropas constitucionalistas. O propósito era fazer funcionar a Fábrica. O diretor e seus comandados ficaram presos, sob palavra, em

suas residências. Com o avanço das tropas federais e o recuo estratégico das tropas constitucionalistas, houve, em 14 de setembro, o abandono da Fábrica. Algumas seções foram inutilizadas e máquinas essenciais para a produção de pólvora transferidas para São Paulo em um trem especial, que transportou também operários e familiares. A cidade, temendo as tropas getulistas que se aproximavam pela serra, se esvaziou, de modo que, quando os soldados federais chegaram a Piquete, encontraram-na semi-deserta. Em 2 de outubro, após 82 dias de conflitos foi assinado um armistício. Aos poucos, a cidade foi retornando ao seu ritmo. Os operários que acompanharam as tropas para São Paulo foram sumariamente demitidos. Retornaram com o orgulho ferido, mas cientes do dever cumprido. Em dezembro foram anistiados pelo governo federal. Essa história de civismo dos paulistas, buscando a constitucionalização do país, precisa ser sempre rememorada.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Mariinha do Prado

Maria Aparecida de Andrade Prado reside num lugar privilegiado, na Praça da Bandeira, há muito, muito tempo... É a mais antiga moradora do local. Da varanda de sua casa, assistiu, ao longo dos anos, às diferentes transformações por que passou a cidade e a inúmeras manifestações populares na principal praça de Piquete. Afirmo que a Praça da Bandeira, nos anos de 1940 e 1950, era muito diferente de hoje: “tinha muito mais vida...”

Natural de Guaratinguetá, onde nasceu a 16 de fevereiro de 1914, é filha de João Moreira de Andrade e Maria Amélia Vieira Costa. Aos dez anos de idade ficou órfã de mãe. O pai, afamado seleiro, veio para Piquete a fim de trabalhar na Fábrica de Pólvora. Mariinha passou, então, a residir com os tios, seu “Bili” e dona “Finoca”, na rua São Miguel. Desse período da infância guarda boas recordações: “Tio Bili era uma beleza! Bom até demais! Era um pai que a gente tinha... Tia Finoca gostava muito de mim; era enérgica, cobrava os estudos no Grupo Escolar do Piquete e só me deixava sair com dona Isolina Luz ou Irene Galvão, minha melhor amiga!”

Anos mais tarde, seu pai casou-se, em segundas núpcias, com Filomena do Prado e Mariinha passou a morar com eles. Dona Filomena tinha um irmão, Benedito Firmino do Prado, que logo se encantou com a jovem filha do cunhado. Iniciaram um namoro e logo se casaram. Dona Mariinha fala com carinho dos quase quarenta anos de casamento que, segundo ela, foram os melhores de sua vida: “Tivemos quatro filhos. Sempre moramos na Cel. Luiz Relvas. O Benedito trabalhava na Fábrica e eu cuidava das crianças. Logo iniciamos a construção desta casa aqui na Praça; no início, pequena; aos poucos fomos aumentando. Ele tinha paixão pela música. Como gostava...”

Da varanda de sua casa, Mariinha pôde assistir a grandes eventos na Praça da Bandeira, como este comício dos anos 60.



Fotos arquivo Pro-Memória



Aprendeu com o maestro José de Castro Ferreira. Chegava do trabalho e logo ia ensaiar com o pistom. Era um tormento dentro de casa... Quando ia para o ensaio da banda, eu, muitas vezes, o acompanhava; íamos de braços dados, eu carregando o pistom. Tratávamo-nos carinhosamente de Nhá e Nhô Caetano... Ele foi muito bom para mim, para os filhos e para os irmãos. Fui muito feliz com ele.”

Dona Mariinha recorda-se da vizinhança: Albertina Rodrigues, Eva Chaves, Aurora Bento, Nágila Hankis, Genoveva Seraphim, Dolores do José Seraphim, Maria Martinelli... A praça era muito animada... “De minha varanda assisti a procissões, passagem de romarias, muitos comícios e comemorações de vitórias de políticos, retretas e a todas as suas transformações...” Cita, com saudades, a movimentação dos clubes Comercial e Ex-Alunos, o Posto de Gasolina Caloric, a loja do Nadra Raffoul, o bilhar do Seraphim Machado, a Casa Dom Bosco, do

Thomé Seraphim, a loja do Elias Hankis, o Hotel Brasil, do Brasilino... Complementa dizendo: “Se tivéssemos as facilidades de hoje naquele tempo, tudo seria perfeito.”

Aos 93 anos de idade, dona Mariinha relata que viu Piquete crescer. “Adoro morar nesta casa e neste local... Gosto muito daqui e não permito que falem mal de Piquete, que adotei como minha cidade”.

Não se remenda pano velho

Pe. Fabrício Beckmann

Tem-se tornado cada vez mais perceptível uma globalizada degradação dos tecidos sociais. Quando um pedaço de pano começa a envelhecer, os primeiros sinais de podridão são as pequenas rupturas das fibras que, aos poucos, tornam-se buracos. Nos tecidos sociais, são sinais de podridão a produção de excluídos, a desigualdade, a violência, a intolerância, a destruição do ambiente de vida em todas as suas dimensões. Todos esses sinais, como sintomas de uma doença, apontam para uma causa mais profunda: as sociedades têm-se estruturado sobre o alicerce do individualismo, no qual cada um usa o próximo como trampolim para o gozo de melhores prazeres e posse de maiores poderes. Os que estão em cima querem subir sempre mais e a disposição para dividir com os de baixo o que possuem é sempre menor, em contraste com a tentação sempre maior de não só acumular o máximo para si, mas de fazê-lo à custa dos de baixo.

Não basta combater os sintomas da enfermidade social, “não se pode remendar com pano novo o tecido podre; o rasgo pode tornar-se ainda maior”. É necessário encontrar um novo fundamento para as sociedades de um novo tempo.

O padre Charles de Foucauld ensinava que o ser humano deve se descobrir como “irmão universal”, ou seja, em comunhão com todos os homens e mulheres e com todos os demais seres. Esta nova auto-compreensão, que se opõe à individualista, faz com que se esteja no mundo como um ser participante, que só pode existir em relação.

A passagem do individualismo para a comunhão, como experiência de base do convívio social assumida por todos, faz com que os valores de uma fraternidade universal estejam presentes nos pequenos grupos de convivas. Revoluções moleculares começam a acontecer nas famílias, nas escolas, nas associações. Atuando localmente, cada indivíduo acrescenta o novo paradigma de convivência como fértil semente na globalidade. As modificações que ocorrem no microcosmo social contagiam o macrocosmo social.

A manutenção dos tecidos sociais e da vida em nosso planeta depende do desenvolvimento de uma estrutura de familiaridade e comunhão entre os seres, que gere atitudes adequadas à vida, como o cuidado, o respeito, a veneração e a ternura.



A partir da esquerda: os vencedores do Campeonato de Pipas da ACIAP; o autor Wanderley Sardinha, ao lado de Dóli de Castro Ferreira, que o homenageou no lançamento de seu livro, “Evocações Piquetenses”; o Coral Vozes da Serra durante apresentação no Elefante Branco.

Notas da Cidade

✓ III Temporada de Inverno de Piquete

Aconteceu entre os dias 20 e 29 de julho a III Temporada de Inverno de Piquete, com a seguinte programação:

20/07: Coral Vozes da Serra (Piquete/SP) e Grupo Família Lado a Lado (Lorena/SP); **21/07:** Orquestra de Violeiros da cidade de Osasco/SP; **22/07:** Banda de Concerto QzBm (Queluz/SP e Barramansa/RJ); **27/07:** Orquestra de Cordas “José de Freitas” (Aparecida/SP); **28/07:** Coral Unavoz (Cruzeiro/SP); **29/07:** Colônia Japonesa (Beli Dance) (São José dos Campos/SP) e Banda do 5º BIL (Lorena/SP).

Coral Vozes da Serra

Atualmente presidido pelo Sr. Ernâni Beckmann, o Vozes da Serra está prestes a completar dois anos. Formado com o objetivo de difundir a cultura musical entre os piquetenses, o grupo vem ensaiando duas vezes por semana no Espaço Cultural

“Célia Ap. da Rosa”, da Fundação Christiano Rosa, sua incentivadora.

✓ “Evocações Piquetenses”

O Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa” sediou, em 29 de junho, mais um lançamento do autor piquetense Wanderley Sardinha.

Coronel da reserva, Sardinha lançou “Evocações Piquetenses”, sua sexta obra, em noite concorrida, que contou com a presença de diversos convidados, além de autoridades civis e militares.

✓ Concurso de Pipas

A Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Piquete (ACIAP) promoveu, no dia 21 de julho, no Campo do Vila, em Piquete, um concurso de pipas. Preocupado em salientar a importância de não se empinar pipas em locais movimentados ou próximos a redes elétricas, além da proibição do cerol, o concurso atraiu

diversos competidores e coloriu o céu de domingo, em Piquete. Esta foi a terceira edição deste campeonato, que contou com mais de trinta e quatro concorrentes nas categorias infantil, juvenil e adulto.

✓ Piquete no Revelando Vale do Paraíba

Piquete marcou presença na edição 2007 do Revelando Vale do Paraíba com seus artesãos e o Grupo de Jongo de Piquete.

✓ Festa do Tropeiro e Peão de Boiadeiro

Aconteceu entre os dias 05 e 15 de julho, no Recinto de Festas Miguel Purcino Ferreira, mais uma edição da Festa do Tropeiro e Peão de Boiadeiro. Entre shows e rodeio, o evento atraiu o público de Piquete e região, que lotou o evento nas noites mais concorridas. O tradicional Desfile de Tropas e Carros de Bois aconteceu no dia 14 de julho, percorrendo as ruas da cidade.

Acerca da unidade das Igrejas Cristãs

A respeito do recente documento do Vaticano sobre a doutrina da Igreja, queremos oferecer uma interpretação diferente da que foi apresentada pela imprensa em geral. O documento dirige-se aos católicos com a preocupação de evitar o relativismo religioso. A declaração de Roma não nega, nem poderia negar que há uma única Igreja de Cristo formada por seus seguidores, que são todos os batizados.

O documento final da V Conferência do CELAM, recentemente aprovado pelo Papa Bento XVI, afirma que o que possibilita o ecumenismo, isto é, o diálogo entre os cristãos, é que todos receberam o mesmo batismo, formando todos um único corpo cuja cabeça é Cristo (I Cor 12). O próprio Cristo, falando de sua vida com os discípulos, lembra que ele forma o tronco da videira e os discípulos são os ramos (Jo 15,5). O apóstolo Paulo pede aos cristãos de Éfeso que se esforcem por fomentar a unidade, pois um é o corpo que é a Igreja, um é o Senhor, uma a Fé, um o Batismo, um é Deus que é Pai de todos (Ef. 4, 3-6).

O modelo existente de Igreja, mesmo no primeiro milênio, antes da separação entre a Igreja do oriente e a do ocidente, apresenta a comunidade cristã vivendo o culto e a organização de maneiras muito diversas. Diversa era a vivência da Igreja em Jerusalém, em Antioquia, Alexandria, no norte da África, na Ásia menor e em Roma. Igual na sua identidade e plural em suas manifestações. Manifestações essas, frutos do Espírito, nos diversos lugares e culturas onde a Igreja se encarnou. O princípio antropológico da diversidade na unidade está presente em todas as realidades, também na Igreja, em toda a sua história e variedades locais. Nunca houve uniformidade na vivência cristã até hoje, mesmo anteriormente ao acontecimento da Reforma Protestante ocorrida em 1517. Já disse Agostinho, no IV século, que os cristãos deviam buscar a unidade no essencial e conservar a liberdade em suas outras manifestações eclesiais, preservando sempre, em tudo, a caridade.

A declaração romana de 10 de julho de

2007 gerou reações em diversas organizações cristãs como na Aliança Mundial das Igrejas da Reforma e no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil, segundo o qual o documento não traz novidade com relação ao que já se havia sido ensinado na declaração Dominus Iesus, do ano 2000, nem poderiam tais declarações contradizer o esforço da prática ecumênica, sempre respeitada pelos últimos papas e proclamada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II e em muitos outros documentos do magistério eclesial. Como disse em carta dirigida ao Conselho Ecumênico de Roma, a já citada Aliança das Igrejas da Reforma: em um tempo de fragmentação social em todo o mundo, a única Igreja de Jesus Cristo, da qual todos nós participamos, deveria afirmar um testemunho comum e afirmar nossa unidade em Cristo.

Saberemos melhor onde está a Igreja de Cristo quando nos preocuparmos mais com a prática, com o seguimento de Jesus, do que com as doutrinas.

Padre Mário Bonatti e Rodolfo José Ferraz

O Dia da Aleluia

Essa história é de um tempo já muito antigo. Diziam velhos moradores da cidade onde vivemos, relativamente à missa do sábado de Aleluia, que se o padre, percorrendo a Bíblia para a leitura dos textos referentes à Aleluia, não encontrasse o alusivo à proclamação do ato solene, segundo a tradição, só malefícios ocorreriam.

Atravessar o tempo quaresmal era para a purificação sacrificial. Catarse, palavra de origem grega que representa um antigo ato, o de sacrificar um animal, um bode, com sangue. Daí a expressão “bode expiatório”.

Sábado de Aleluia!

Dia santo de guarda.

Lá pelos idos tempos, antes do Concílio Vaticano II, na pequena cidade de maioria católica, o culto das datas consagradas da Semana Santa era prioritário. No trabalho somente eram cumpridas as obrigações necessárias. O sofrimento da Paixão, maior momento, tinha no ato da crucificação e na procissão do Enterro suas referências máximas. Beijar o Senhor Morto e acompanhá-lo na procissão faziam-se obrigatoriamente. Todos participavam. Ato aparentemente mais tradicional do que religioso. E no Sábado da Aleluia, na missa das 10 horas, embora de afluxo menor, mas não destituído de suma importância, manifestava-se um rito teatralmente concebido: o da antecipação da Ressurreição.

Roupas novas. Corações novos, passada a grande compunção do dia anterior. A cortina negra encobria o altar, já totalmente enfeitado de flores. Metade da missa em tom fúnebre, canto de vozes graves e compassadas nos ritmos de dor. Afinal, Cristo sacrificado estava no túmulo, ainda não ressuscitado. Atos rituais da origem dos símbolos da água, do fogo, do óleo em santificação para os doentes.

A descrição hierárquica dos eventos históricos do cristianismo. A invocação dos textos das profecias e das narrativas fundamentais e, principalmente, a designação da corporalidade do ser espiritual que, tomando forma humana, veio para conceder a herança do reino de Deus. Eis que nas

datas móveis, chega o Sábado de Aleluia em altas temperaturas.

No momento de principal ápice da

Antiga Matriz de São Miguel, tombada pelo Conselho do Patrimônio Histórico de Piquete



cerimônia, o canto de Aleluia passa a ser entoado, primeiramente pelo padre. O coral preparado. Pausa compassiva. O oficiante da missa à busca da página correta do missal. As pessoas em solene expectativa. O padre, o rosto muito vermelho, suava em bicas. Resfolegante, manipulava as páginas da Bíblia sob silêncio aterrador.

– O padre parece confuso! Sussurrou uma mulher idosa para a moça a seu lado. A moça arregalava os olhos, curiosa. Um já olhava para o outro, e todos para as mãos nervosas do padre folheando o livro.

– Meu Deus! Alguém suspirou perturbado. O clima tornava-se tenso. Tosses nervosas e pigarros anunciavam tempo ruim. Nada do padre encontrar a aguardada Aleluia. Alguém parecia desfalecer. Calor e angústia.

– Oh, santo Padroeiro, socorrei o padre aflito! Uma mulher já chorava. Medo. Maus presságios. Se não cantar o Aleluia, quantos males... As cabeças femininas cobertas de véus moviam-se de um lado para outro. Os homens, descobertos, tentavam manter a compostura.

O ambiente opressivo sobrecarregava-se pela cortina negra a separar o altar-mor da ara de pedra do ofício divino.

O choro era geral. Manifestou-se um grito histérico. Agitação e muito medo!

Ruídos indecifráveis. Pés arrastando-se. Rostos sufocando-se de lágrimas. Rezas. Pedidos. Preces e promessas. Medo, e muito medo! Já o desespero do padre na

busca frenética. Quase rasgando as páginas, oprimia-se aflitivo. Alguém disse alto: – O mundo vai acabar! Seremos tragados! O chão se abrirá! O céu incandescerá! O suor corria em riachos na cara do padre. Sufocação das almas. Implorações. Alguém ensaiou novamente a ladainha da invocação de todos os Santos.

O padre, aflito, abriu nova página, quase arrancando-a: Aleluia! Finalmente proclamou com voz presa na garganta. Um alarido de vozes o acompanhou. O coral vibrou no canto da Aleluia! Ouviu-se mais um

solução, já solto da sufocação. A cortina abriu-se de repente! Os sinos comemoraram festivos. Os foguetes espocaram. O incenso expandiu-se, quase afogando o velho padre mal contido em suas muitas adiposidades. Suando muito, foi terminando a missa. Repetindo muitas vezes as Aleluias, o povo saiu com uma história para ser contada, de um tempo ruim de final feliz. Nas ruas, os moleques a gritar aleluias para receber dádivas, após a queima do judas.

Terminada a cerimônia, aliviadas, as pessoas saíram da igreja afoitas e rapidamente foram para casa degustar o almoço com a carne já preparada, à espera, pois o tempo dos jejuns e da abstinência, finalmente acabara. Afinal, a quaresma era um tempo de reclusão e penitência. Nas portas das casas, os moleques insistindo pelas “aleluias”.

Essa história passou a correr de boca em boca. Ficou perdida no passado.

Hoje, nem a Igreja, nem as comunidades são as mesmas daqueles tempos anteriores ao Concílio Vaticano II. Mas a meninada das ruas continua a esperar a premiação, queimando o traidor. Em algazarras de agradecimentos e em repúdio aos “pães-duros” e “miseráveis”. E xingamentos mais pesados.

Dóli de Castro Ferreira

Aleluia! Louvai a Deus no seu santuário, louvai-o no firmamento do seu poder. Louvai-o por suas grandes obras, louvai-o pela sua imensa grandeza. Louvai-o tocando trombetas, louvai-o com harpa e cítara; louvai-o com tímpanos e danças, louvai-o nas cordas e nas flautas. (...) Aleluia!

Livro dos Salmos: Salmo 150

Crônicas Pitorescas

Encucados

Palmyro Masiero

Por causa de um programa de TV, em que foi entrevistado um famoso psiquiatra, foi que o assunto psiquiatria estava em órbita em torno de quatro casais que domingavam lá no Clube de Campo.

Uma coisa entre o grupo ficou patente: muitos ali não botavam fé nesse campo da Medicina; todavia, outros discutiam sobre o assunto como se fossem íntimos de Freud, Adler e Jung.

– Esses médicos psiquiatras, dizia um descrente, fazem é a cabeça do paciente, isso sim!

– Você está redondamente enganado, retrucava um da ala crédula. – É uma terapia demorada, mas que resolve!

– O inverso daquelas pílulas antigas do Dr. Ross, que eram pequeninas, e também resolviam – brincou um que estava mais ligado na sua caipirinha.

Voltou o descrente:

– O cara vai lá, fala, fala, fala; o homem ouve, ouve, ouve, anota sabe-se lá o quê e, no final, descola aquela grana! Eu creio que a cura chega mesmo é quando o dinheiro do doente pifa!

– Você está soltando baboseira sem conhecimento de causa – bravo retornou o defensor. – Deixa-me dar-lhe umas explicações: Freud revelou o fenômeno da repressão, que chamaremos recalque. Descobriu que tudo aquilo que já vivemos e nos magoou, aquelas emoções que a gente não suportou a barra, são recalçadas para o inconsciente. Essas emoções carregam consigo suas energias e vão encontrar um caráter equivalente nos sintomas neuróticos. E mais ainda: que esses recalques invariavelmente estão ligados à vida sexual dos pacientes.

– Quer dizer que qualquer lelezinho aí tem problema sexual recalcado? Chega ao consultório, deita no divã, solta a língua e tá resolvido o problema do compadre?

Enquanto o descrente chutava besteira, o outro dava explicações que até ali ninguém suspeitava que ele, chefe de setor de uma

indústria mecânica, estivesse por dentro.

– Essa questão de falar ao médico é científica. Freud uniu suas interpretações com a descoberta de Breuer e com a doutrina de Charcot...

– Quem são esses caras? – interromperam-no.

– Joseph Breuer foi um amigo de Freud. Ele acreditava que a cura se efetuava pela sugestão, que canalizava para as vias normais a energia desviada. Já Jean Martin Charcot, mestre de Freud, concluiu que determinadas manifestações físicas de histeria não são necessariamente físicas em seu princípio. Podem ser psíquicas, tendo em vista que é possível provocá-las por influência mental, em outras palavras, pela hipnose. E aprendeu que quando se dava à emoção perturbada e reprimida, a oportunidade de expressar-se, este simples meio bastava para descarregar a energia e eliminar o sintoma. Daí, então, o motivo do falatório que o paciente joga aos ouvidos dos médicos. Deu pra entender?

Todos estavam boquiabertos diante do fenômeno freudiano que tinham à frente. Os que não criam acharam por bem calar-se por falta de argumentos definidos a um debate em que fatalmente perderiam. O assunto poderia ter-se encerrado aí não fora uma das mulheres ali presentes, que, no duro mesmo, tem a cuca mais fresca que água de riacho de selva selvagem, falar:

– Semanalmente, vou ao meu psiquiatra. Custou para achar um que acertasse meu caso, mas acabei encontrando. Esse é ótimo. Sempre descobre uma desculpa para minhas frustrações. Coisa parecida com uma confissão: a gente conta os pecados para o padre, este dá uma penitência e se sai da igreja pura e leve como uma pluma.

Aí foi o marido dela que se meteu:

– Então vá se confessar todas as semanas, ora. Sai muito mais barato!

– Acontece que a confissão, meu bem, não dá status! – com lógica e dengos ela replicou.

Amor ao Próximo

Edival da Silva Castro

Ele: casado, desempregado.

Ela: grávida e garçonne de restaurante.

Certa manhã, ele saiu de bicicleta, a fim de entregar seu currículo no comércio e indústrias. Deixou o último para ser entregue numa fábrica à margem da rodovia que circundava a cidade. Na volta, deparou-se com um carrão parado no acostamento. A dona do veículo falava ao celular. Ele passou, notou que um dos pneus do veículo estava murcho, voltou e dirigiu-se a ela:

– Senhora, em que posso ajudá-la?

– Estou tentando falar com a minha Corretora de Seguros e não consigo. Veja, o pneu traseiro está furado!

– Fique tranqüila, eu mesmo troco! E pôs-se ao trabalho.

Feito o serviço, guardou o pneu avariado no porta-malas, juntamente com o macaco e a chave de roda. A mulher agradeceu-lhe e dirigiu-se ao interior do carro. Ele, sem esperar, subiu na magrela, atravessou a rodovia. Como estava numa descida acentuada, perdeu-se de vista. A mulher tinha ido ao carro pegar a bolsa a fim de gratificá-lo, pois achara aquele homem prestativo e educado. Ligou o carro e saiu na esperança de encontrá-lo mais à frente, porém não obteve êxito.

Ela adentrou a cidade para consertar o pneu e, como era hora do almoço, escolheu um restaurante do seu agrado. O serviço prestado fora “à la carte”.

Satisfeita com a refeição e com o atendimento, solicitou a conta. Ao pagá-la, colocou uma gorjeta substancial no porta-comanda e exclamou:

– Garçonne, não estranhe minha atitude! A gorjeta que lhe estou dando é para comprar enxoval para o bebê. Eu preciso que você aceite.

A moça ficou admirada ao averiguar a quantia; como o marido estava desempregado, aceitou de coração.

Aquela senhora jamais saberá, em toda a sua vida, que a garçonne que acabara de gratificar era a esposa do homem que a socorrera na estrada.

Inverno - Dynamos - Forja

O manto do inverno
cobriu os cristais do Marins
em oficinas de granitos rudes
facetados pelos martelos
das águas congeladas
no alongado das madrugadas.

Rendilham-se nas pedras
os fáceis das clivagens ásperas.

Dóli de Castro Ferreira



Acesse, leia e divulgue
o informativo

“O ESTAFETA”

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

Convite à transgressão educacional

Caro professor, você já se imaginou um “transgressor da ordem educacional”? Não? Então chegou a hora. Vamos transgredir juntos? Transgredir é excitante e motivador. Pode ser uma aventura inesquecível..., revolucionária. Histórica!

Nosso plano: difundir idéias e experiências que proponham a interdisciplinaridade como prática possível.

“As crianças aprendem a história, a geografia, a química e a física dentro de categorias isoladas, sem saber, ao mesmo tempo, que a história sempre se situa dentro de espaços geográficos e que cada paisagem geográfica é fruto de uma história terrestre; sem saber que a química e a microfísica têm o mesmo objeto, porém, em escalas diferentes. As crianças aprendem a conhecer os objetos isolando-os, quando seria preciso também recolocá-los em seu meio ambiente para melhor conhecê-los, sabendo que todo ser vivo só pode ser conhecido na sua relação com o meio que o cerca, onde vai buscar energia e organização”.⁽¹⁾

Pobres alunos! Pobres professores! Estão a se enganar. Separam o inseparável e acreditam que estão a ensinar e a aprender. Enxergam com os olhos do mundo moderno que tendem a fragmentar as manifestações da cultura humana.

O que podemos nós fazer? Não somos os salvadores do mundo, nem os heróis da educação, mas podemos, sim, difundir idéias e experiências que proponham a interdisciplinaridade como prática possível. Para tanto, antes de engavetar o conhecimento, é preciso organizar a ação pedagógica a partir da historicidade e da complexidade do conhecimento no seu todo.

Acabaremos com as disciplinas? Não, pelo menos por enquanto (esse será, quem sabe, nosso próximo plano), mas provocaremos uma revolução no interior de cada uma. Colocaremos em cheque a sua condição disciplinar. Provocaremos alguns encontros, forçaremos algumas trocas, e, o mais importante: vamos criar um espaço para que circulem com liberdade, para que conheçam e se façam conhecer.

Serão muitos os desafios que enfrentaremos. Resistências não faltarão. Mexeremos com crenças. Vaidades serão atingidas. Intitular-se o maior conhecedor dos preceitos matemáticos, por exemplo, não é o bastante. É preciso articular esses preceitos com o conhecimento no seu todo e com a cultura. Isso porque a interdisciplinaridade rompe com a verdade suprema e absoluta de cada disciplina e de seus respectivos especialistas. Na interdisciplinaridade, o conhecimento é reconhecido como resultado da produção cultural humana. E essa não é fragmentada em disciplinas.

Nosso bandeira: o conhecimento inteiro e próprio da nossa condição humana. Aquele capaz de nos tornar pessoas mais confiantes, solidárias, felizes e apaixonadas pela cultura humana.

Convite aceito? Transgredindo...

Laura Chaves

⁽¹⁾ MORIN apud PETRAGLIA, I. C. Edgar Morin: *A educação da complexidade do ser e do saber*. Petrópolis, 1995, p. 68-69.

Fundação Christiano Rosa colaborando com a preservação ambiental

A Fundação Christiano Rosa (FCR) tem como um de seus objetivos estatutários o trabalho voltado para ações de preservação do meio ambiente e conscientização cidadã. A preocupação ambiental tomou vulto internacional nos últimos anos devido à crescente degradação e, em alguns casos, até o esgotamento dos recursos naturais. O aquecimento global e as mudanças climáticas decorrentes desse fenômeno serão responsáveis por colocar em risco cada vez maior a saúde da população.

Grande parte dos problemas ambientais que nos afetam é decorrente da falta de uma política aglutinadora capaz de orientar a aplicação eficaz de princípios e instrumentos para a gestão dos recursos naturais.

A Fundação Christiano Rosa vem, nos

últimos anos, desenvolvendo projetos direcionados à Educação Ambiental e à revegetação de matas ciliares. Recentemente, concluiu nas microbacias dos ribeirões Tabuleta e Bemfica projeto demonstrativo de revegetação. Plantou 2500 mudas de espécies nativas de Mata Atlântica e vem acompanhando seu desenvolvi-

mento. Paralelamente, mantém um viveiro de mudas com mais de 70 espécies da região. Com esse trabalho, adquiriu conhecimento que está sendo aplicado na bacia do ribeirão Limeira, num amplo projeto de recuperação de mata ciliar, que formará um corredor de conectividade ligando a região da APA da Mantiqueira ao rio Paraíba do Sul. Esse é um trabalho ambicioso e inédito no Vale do Paraíba. Vem ao encontro do objetivos da FCR de contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos munícipes. Busca, com isso, propor-



cionar equilíbrio ecológico para a região visando a garantir a sobrevivência das futuras gerações.

A Fundação está aberta a todos que queiram trocar experiências no trato com o meio ambiente. O engajamento na causa ambiental requer conhecimento e trabalho continuado. Nesse contexto, o desenvolvimento de práticas de Educação Ambiental destaca-se como estratégia para a reversão do processo de degradação e a conservação e utilização racional dos recursos naturais.

AC

Ao lado, área contemplada pelo projeto “Revegetação de áreas ribeirinhas das MBH dos ribeirões Bemfica e Tabuleta - Piquete/SP”, coordenado pela FCR, em 18.nov.2005. Acima, a mesma área em foto de 8.jul.2007.



Renascentes

É tempo de colheita. Os que acreditaram agora experimentam a alegria das repostas.

As equipes que replantaram as matas ciliares e protegeram as nascentes assistem recompensadas ao borbulhar das águas.

No semi-árido, **o projeto um milhão de cisternas**, que segue em frente, acrescenta confiança ao povo sertanejo. E as lavouras do pequeno produtor estão garantidas pelo **projeto barraginhas**.

No nordeste, o programa cuja solução ainda não está encaminhada satisfatoriamente é o das áreas descobertas sujeitas à erosão e tendendo à desertificação.

A causa principal é a inexistência de alternativa de combustível a preço razoável para uso nas residências e indústrias de gesso. A lenha é a única solução possível.

É assim que as árvores e arbustos vão desaparecendo, já que ainda não existem aí providências de afloramento ou reflorestamento.

Algumas vezes, mesmo aqui somos obrigados a recorrer à lenha. No setor de panificação, por exemplo, um empresário



Área de recarga revegetada por meio de projeto da FCR, em Piquete

piquetense adquiriu fornos elétricos. Veio o apagão e ele adaptou os fornos para gás. O preço do gás ficou proibitivo, e foi obrigado a recorrer à lenha, só que de reflorestamento. Tudo isso para que o consumidor piquetense possa comprar o seu pãozinho.

Na Holanda, existem estufas que usam calhas para captar a água da chuva e, com ela, se garante a rega das plantas.

Por que não pensar em um conjunto de pirâmides-estufas em áreas de nascentes de

rios já prejudicados, para que, em cada período chuvoso, centenas e até milhares de mudas sejam regadas?

No modelo das casas colombianas de bambu, que resistem às intempéries, por que não construir pirâmides de grande porte que direcionem a água da chuva para reservatórios no nível do terreno?

E, se houver uma elevação no terreno, por que não escavar um tronco de pirâmide com várias vertentes recobertas com pedras, tão numerosas no semi-árido? Na base, um grande reser-

vatório guardaria água suficiente para garantir o processo de aflorestamento ou reflorestamento.

Vamos apresentar nossas propostas, vamos apoiar todas as iniciativas inteligentes.

E pedir ao Governo muito dinheiro para os institutos de pesquisa e para a extensão rural.

Não há dúvida. Estamos no caminho certo.

Abigayl Lea da Silva

Turismo e Meio Ambiente: pelas trilhas da Mantiqueira

São muitas as atrações que a Serra da Mantiqueira, em Piquete, oferece aos amantes da natureza. Durante o período de inverno, há uma procura ainda maior de aventureiros que a procuram para percorrer as inúmeras trilhas que cortam esse maciço montanhoso. Em busca de diferentes paisagens, chegam para curtir o clima frio de montanha e as belezas naturais, além da visão privilegiada que se descortina do alto de seus inúmeros picos.

Não basta, porém, o município ser portador de belas paisagens e de população hospitaleira para que o turismo se torne alternativa para o desenvolvimento de Piquete, como apregoam. É preciso amplo programa de estruturação

com diferentes frentes de trabalho, tendo como principal eixo a questão ambiental. O ecoturismo tem-se mostrado uma excelente alternativa econômica. No entanto, é necessário que esteja integrado a um plano regional de desenvolvimento, racional e educativo, voltado para a revitalização da paisagem e com o envolvimento de todos os segmentos sociais do município. A questão ambiental precisa ser entendida como aquela preocupada, antes de mais nada, com a preservação do homem, buscando uma identidade e maior integração com o meio ambiente, o qual deve ser visto como moradia, como parte integrante, e não como mera mercadoria.

Um novo olhar sobre o município e suas potencialidades precisa ser exercitado. Um continuado trabalho de educação ambiental deverá acontecer nas escolas, em comunidades, igrejas e em todos os segmentos da população. Sem essa conscientização não se pode pensar em turismo para Piquete. A palavra chave para a sonhada transformação do município, por meio do turismo, é planejamento. De maneira amadora ou com improvisos não se chega a lugar algum.

Aos poucos, os visitantes vão chegando em busca de nossas belas paisagens. Precisamos nos antecipar e protegê-las, para que continuem belas.

